



ICPD – Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento
CESAPE – Centro de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão

ANDRÉA RIBEIRO

SINAIS DE IDENTIDADE

Monografia apresentada como requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* na área de Língua Portuguesa do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, sob a orientação da Professora Josenia Antunes Vieira.

Brasília – DF
2006



ICPD – Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento
CESAPE – Centro de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão

ANDRÉA RIBEIRO

SINAIS DE IDENTIDADE

Brasília - DF
2006

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1. O CORPO INACABADO.....	8
1.1 Conjuntura segundo a Análise Crítica do Discurso.....	8
1.2 As Marcas da Infâmia, Crime e Castigo.....	9
1.3 Um Breve Histórico das Marcas Corporais no Século XX.....	12
1.4 O Significado das Marcas Corporais na Atualidade.....	15
1.5 As Marcas Corporais e sua Significação Religiosa.....	19
1.6 O Momento da Decisão.....	20
1.7 A Escolha do Desenho ou do Objeto.....	22
1.8 As Marcas Corporais como Ritos de Passagem.....	22
1.9 A Significação Emocional e Social das Marcas Corporais.....	26
2. CONSTRUÇÃO E DESCONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE.....	29
2.1 O Papel Socioeconômico da Mulher na Pós-Modernidade.....	31
2.2 A Identidade da Mulher nos Relacionamentos Amorosos.....	33
2.3 A Co-Dependência nos Relacionamentos Amorosos.....	34
2.4 Perdas e Ganhos.....	36
2.4.1 Novos Papéis, Novas Identidades Sociais.....	38
2.4.2 O Divórcio e o Luto.....	38
2.4.3 Escolhas.....	40
2.4.4 Considerações Finais.....	42
CONCLUSÃO.....	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	50

RESUMO

Os objetivos deste trabalho foram os de mostrar que nossa identidade nunca está totalmente formada, acabada, vez que somos construídos e re-construídos a cada nova experiência vivida, seja por intermédio das marcas corporais, sinais escolhidos segundo o que se pretende ser e/ou demonstrar ser, seja nas variantes de identidade que podemos encontrar no papel da mulher nos dias de hoje nos relacionamentos com seus parceiros, com seus filhos, chefes, amigos, família etc. Para tanto, utilizei a Análise Crítica do Discurso como método, dando ênfase à questão ideológica envolvida nesse processo de construção contínua da identidade. Por meio deste trabalho, podemos inferir que as marcas corporais têm motivação pessoal, intransferível, não sendo possível atribuir a um tipo específico de tatuagem ou piercing a mesma significação em todas as pessoas que os utilizam. No que concerne ao papel da mulher, de sua identidade na pós-modernidade, a palavra-chave é contexto, não sendo possível dissecar a identidade da mulher nos dias atuais sem levar em conta a Análise Crítica do Discurso e a ideologia envolvida no contexto examinado.

Palavras-chave:

Identidade, marcas corporais, análise crítica do discurso, ideologia, contexto.

ABSTRACT

The objectives of this work had been to show that our identity never total is formed, finished, time that we are constructed and reconstructed to each new lived experience, either through the corporal marks, chosen signals according to that it is intended to be and/or to demonstrate to be, either in the variants of identity that we can find nowadays in the paper of the woman in the relationships with its partners, with its children, heads, friends, family, etc. For in such a way, I used the Critical Analysis of the Speech as method, giving emphasis to the involved ideological question in this process of continuous construction of the identity. Through this work, we can infer that the corporal marks have personal, intransferível motivation, not being possible to attribute to a specific type of tattooing or piercing the same signification in all the people who use them. With respect to the paper of the woman and its identity in after-modernity, the key-word is context, not being possible to define the identity of the woman in the current days without taking in account the Critical Analysis of the Speech and the involved ideology in the examined context.

Key-words:

Corporal identity, marks, critical analysis of the speech, ideology, context.

INTRODUÇÃO

Pretendo abordar neste trabalho dois temas distintos, mas interligados no aspecto relativo à identidade: as marcas corporais e a construção e a reconstrução da identidade feminina. Esta pesquisa tem um cunho bibliográfico e seus fundamentos teóricos são a Teoria Social do Discurso formulada por Norman Fairclough (1992) e por Chouliaraki & Fairclough (1999) e a teoria sobre ideologia de J.B. Thompson (1995).

Em todas as épocas e lugares do mundo, o homem usa o corpo como linguagem. Muitas vezes, escrevendo na própria pele uma espécie de diário da sua vida: tatua uma rosa no braço com o nome da amada; pendura um brinco na orelha no dia do nascimento; espeta uma vareta de bambu no lábio para mostrar que chegou à adolescência; carimba o desenho de um pássaro no peito para representar o seu povo. É o corpo que se enfeita para ser belo, diferente, mágico.

Outras vezes, o homem decide converter o corpo de outros homens numa mensagem permanente da crueldade: marca o escravo com ferro em brasa; desenha na testa do gladiador a sentença de seu crime; tatua o braço dos prisioneiros nos campos de concentração com códigos de identificação.

É o corpo submetido a um castigo que dura para sempre.

Tatuagens, pinturas corporais e perfurações como os piercings sobrevivem até hoje. Renascem nas ruas como enfeites da moda, novas formas de criar beleza, talismãs modernos. Emitem sinais de rebeldia, de apego ao passado, e chegam a virar prova de resistência à dor.

É o corpo transformado num verdadeiro manifesto do estilo de vida que cada um quer ter.

Com referência à identidade da mulher, nos tempos atuais a mulher precisou e continua precisando desenhar um cenário diferente ao que sempre se postulou como sendo o papel a ser desempenhado por ela na sociedade e no mundo.

Com uma nova ordem mundial, valores e crenças alterados pelas mudanças ocorridas, e às vezes de forma tão inusitada, com novos postulados econômicos e políticos de um mundo globalizado que desfez as fronteiras e revolucionou a ordem anteriormente instituída, a mulher precisou ocupar seu espaço no mercado de trabalho, ser chefe de família, mudar o seu discurso, mudar o jogo de poder, contestar e se posicionar frente a esse quadro. Há de se registrar que diferenças radicais têm ocorrido e o processo em que elas se dão é de tal forma dinâmico e rápido que sequer nos damos conta dos passos lhe são próprios.

1. O CORPO INACABADO

O mundo contemporâneo testemunha o desenraizamento das antigas matrizes de sentido. Fim dos grandes movimentos ideológicos (marxismo, socialismo, etc.), fragmentação dos valores. Nesse contexto de desorientação do sentido, o indivíduo traça, ele próprio, os seus limites. Por outras palavras, o individualismo alargou-se no sentido sociológico, que liberta o indivíduo do seu consolo moral ou social. O corpo, lugar de soberania do sujeito, é a primeira matéria da sua ligação com o mundo. É um limite a rejeitar (BRETON, 2004, p.7).

1.1 Conjuntura segundo a Análise Crítica do Discurso

Nas nossas sociedades, o corpo tende a tornar-se uma matéria-prima a modelar segundo o ambiente do momento, o que vem corroborar um dos objetivos propostos por Chouliaraki e Fairclough (1999, p.60) no arcabouço da Análise Crítica do Discurso, que é a análise da conjuntura em que ocorre a prática das marcas corporais. As conjunturas reúnem pessoas, materiais, tecnologias e práticas em projetos sociais específicos. Também podem reunir diferentes instituições. Conjunturas podem ser mais ou menos extensas em tempo e espaço e podem ser mais ou menos complexas quanto ao número e tipo de práticas que envolvem. Quando se analisa a conjuntura mais imediata em que o discurso ocorre, o objetivo é a relação entre o discurso e os processos de produção e consumo.

A análise crítica do discurso, segundo Fairclough, mostra como o discurso é moldado por relações de poder e ideologias e os efeitos construtivos que o discurso exerce sobre as identidades sociais, as relações sociais e os sistemas de conhecimento e crenças.

1.2 As Marcas da Infâmia, Crime e Castigo

Historicamente, a marca corporal, a tatuagem, foi muitas vezes utilizada como um castigo, como uma maneira de chamar a atenção para os homens ou mulheres destituídos dos seus direitos, postos à parte pela sociedade.

Na Grécia antiga, escravos fugidos e recapturados traziam a seguinte mensagem na testa: “Pare-me, sou um fugitivo”.

Os romanos seguiram esse costume: os gladiadores prisioneiros entravam na arena exibindo na testa a marca de seus crimes.

Durante séculos, prisioneiros continuaram a ser marcados conforme o crime que haviam cometido, e os escravos, com o nome de seus senhores. Muitos tentavam inutilmente arrancar a pele para se livrar do estigma (ARAÚJO, 2005, p.32).

Os ingleses que se recusaram a servir como soldados na Primeira Guerra (1914-18) foram punidos com a marca D, de desertores, no braço. O mesmo recurso foi usado pelos nazistas, durante a Segunda Guerra (1939-45): a tatuagem marcava os judeus nos campos de concentração, além dos próprios soldados da SS, a guarda de elite nazista, que tinham o tipo sangüíneo inscrito no braço para facilitar um eventual salvamento.

Com a derrota de Hitler, esse sinal na pele teve efeito contrário: foi uma das maneiras de identificar e punir os soldados nazistas.

Com o passar dos anos, tatuagens com desenhos de mulheres, santas, caveiras, corações flechados viraram uma linguagem dentro dos presídios. Além disso, servem para cobrir cicatrizes de facadas e outros ferimentos. Cada imagem na pele pode revelar o tipo de punição e de vida que o preso levou dentro e fora da cadeia: um cadeado ou molho de chaves denunciam os maus-tratos sofridos na cadeia; o revólver na perna significa assalto seguido de morte, e assim por diante (ARAÚJO, 2005, p.32).

Mais recentemente, políticos de extrema-direita propuseram marcar, estigmatizar, com um sinal na fronte as pessoas portadoras do vírus HIV, a fim de mostrá-las como pessoas perigosas para a sociedade e para os seus eventuais parceiros.

Se a tatuagem fosse feita por marginais, com a finalidade de desprezar a sociedade, a mesma serviria para identificar também tais pessoas negativamente, tornando-as visíveis aos olhos da lei. No pós-guerra de 1914-1918, a tatuagem começa a ser vista com desconfiança pelos vagabundos porque oferece uma fonte de identificação aos policiais, um estigma voluntário. Então, homens submetem-se à dolorosa experiência da retirada da tatuagem. A partir daí, a moda da tatuagem entra em declínio.

Durante muito tempo, a psicanálise e a psiquiatria consideraram as pessoas tatuadas sob um ângulo patológico, evocando confusamente a auto-destruição, a imaturidade, o gosto pela dor, a agressividade, o masoquismo, etc, confundindo julgamento de fato e julgamento de valor, ao invés de compreender o seu percurso.

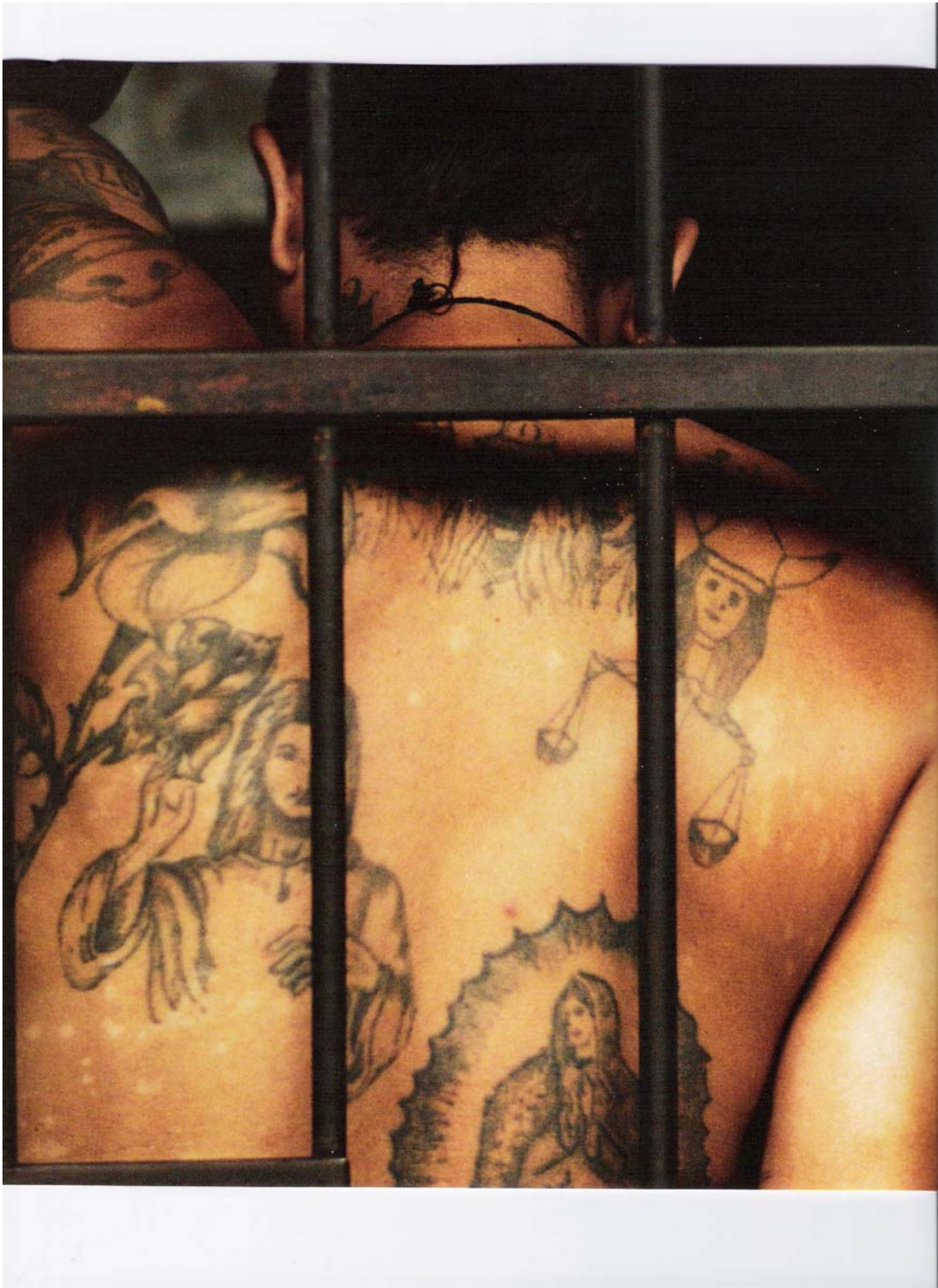


Foto retirada do livro *Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo* (ARAÚJO, 2005)

1.3 Um Breve Histórico das Marcas Corporais no Século XX

A comunicação através do corpo muda com o passar do tempo, de cultura para cultura e de região para região, mas continua a desempenhar funções de identidade, memória, poder e beleza entre a maioria dos povos, especialmente os que não adotaram a escrita, como os indígenas. Está tudo escrito na pele (ARAÚJO, 2005, p.21).

Fazendo um retrospecto, o piercing – à exceção dos punks, cujas marcas corporais procuram deliberadamente a provocação, tendo os primeiros adeptos do piercing aparecido, sobretudo, nas oficinas sadomasoquistas ou nas comunidades homossexuais, ainda marginalizadas – e a tatuagem já apareciam nos anos 30, 40, 50 do século passado, quase sempre com uma conotação negativa (BRETON, 2004, p.16), mas foi a partir do final dos anos 60 que o corpo impôs-se como um sinal de ligação unânime: o feminismo, a revolução sexual, a expressão corporal, a body art, o aparecimento de novas terapias proclamando a vontade de se ligar somente ao corpo, a experiência das drogas, o direito à contracepção, ao aborto, a mudança nas relações homens-mulheres, a aceitação da homossexualidade, etc.

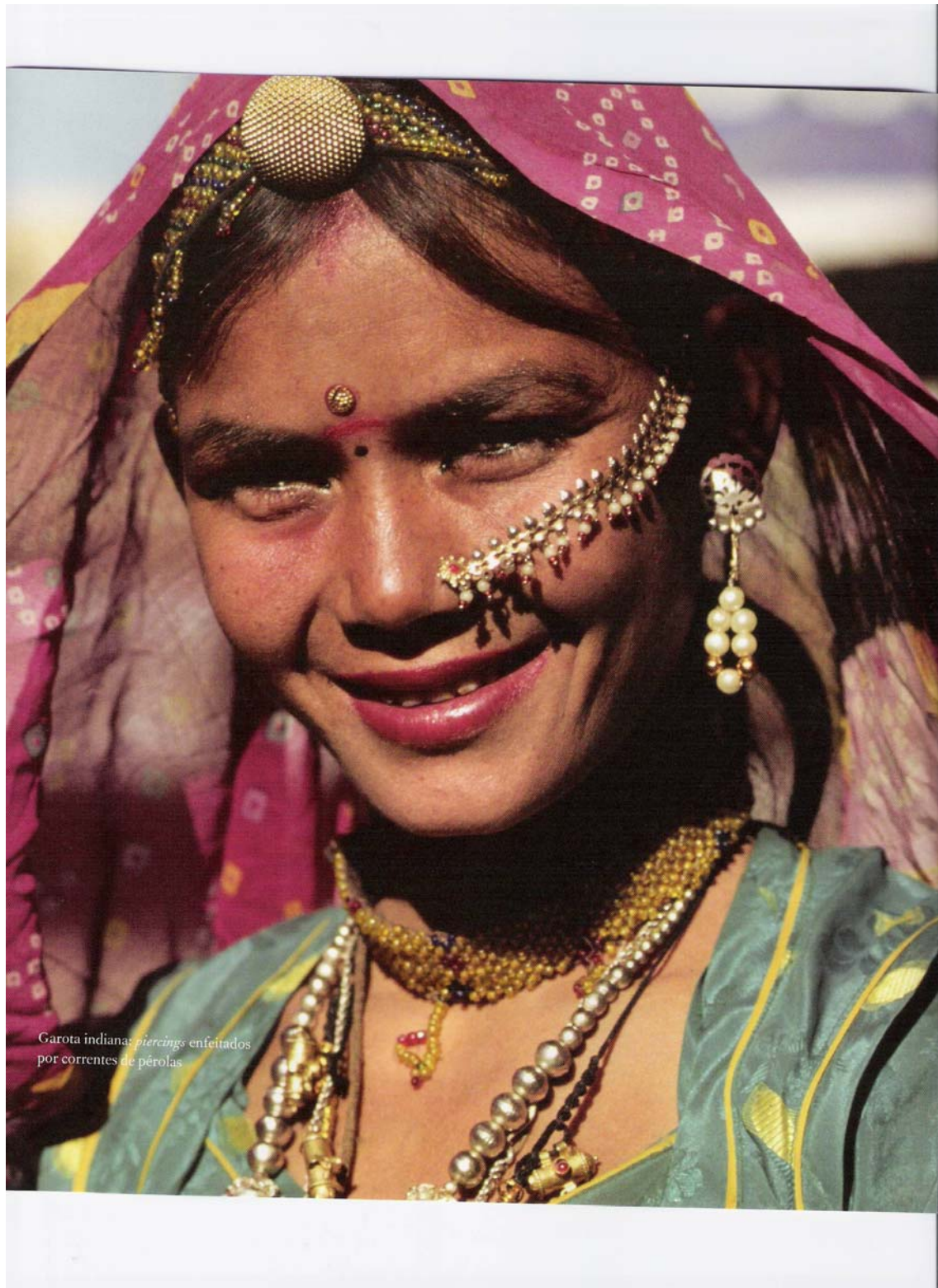
Se o corpo dos anos 60 encarnava ainda a verdade do sujeito, o seu ser no mundo, hoje, não passa de um artifício submetido ao design permanente da medicina ou da informática. Outrora suporte da identidade pessoal, o seu estatuto é, às vezes, a partir de agora, o de um acessório (BRETON, 2004, p.19).

Os anos 70 marcaram a história da tatuagem de duas maneiras distintas. A primeira delas, negativamente, quando usada pela cultura punk (que significa porco, lixo) e pelos skinheads com o intuito de chocar, de agredir a sociedade que reprovam, de se diferenciar, tatuando caveiras, símbolos guerreiros, símbolos do

nazismo, do comunismo, do rock, divindades antigas, etc.; a segunda quando do surgimento do movimento hippie, que contribuiu para a renovação da imagem da tatuagem, visto que eles a usavam com o fito de ornamentar o seu corpo com temas leves, numa representação do prazer, servindo mais como um manifesto à sua causa.

Os anos 80 e 90 viram dissolver-se o movimento punk e emergir uma preocupação de domínio do corpo, de gestão da aparência, de controle dos afetos. O indivíduo tornou-se o produtor da sua própria identidade. Procura construir-se, fazer do seu corpo uma mais valia, um porta-voz da imagem que pretende dar de si mesmo. A tatuagem conhece desde então uma difusão social crescente. O sinal na pele tem valor de decoração, traduz uma vontade estética em relação a si. Diz respeito a todas as classes sociais, não afasta as mulheres, que a ela recorrem cada vez mais.

As tatuagens ou os piercings transformaram-se em acessórios de beleza que não se gastam, um adereço definitivo que contribui para a afirmação do sentimento de identidade, para a encenação de si, já não está necessariamente associada à marginalidade (a menos que se trate de uma vontade deliberada de revelar figuras agressivas ou obscenas).



Garota indiana: piercings enfeitados
por correntes de pérolas

Foto retirada do livro *Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo*
(ARAÚJO, 2005)

1.4 O Significado das Marcas Corporais na Atualidade

Hoje, nas nossas sociedades, a interioridade do sujeito é um esforço constante de aparência, reduz-se à sua superfície. Mais do que nunca, para retomar Paul Valérie, “o mais profundo é a pele” (BRETON, 2004, p.21)

Na sociedade grega antiga, o estigma corporal simbolizava a venda a outrem; hoje, pelo contrário, a marca corporal revela a pertença a si. A vontade de transformar o corpo tornou-se um lugar comum. A versão moderna do dualismo difuso da vida cotidiana opõe o homem ao seu próprio corpo e não, como antigamente, a alma ou o espírito ao corpo. O corpo já não é uma versão irreduzível de si, mas uma construção pessoal, um objeto transitório e manipulável, suscetível a variadas metamorfoses segundo os desejos do indivíduo.

A aparência, doravante, alimenta uma indústria sem fim. O corpo é submetido a um design por vezes radical, que não deixa nada de fora (body building, regimes alimentares, cosméticos, ingestão de produtos como o DHEA, ginásticas de todos os tipos, marcas corporais, cirurgia estética, transsexualismo, body art, etc.) Considerado como representante de si, torna-se afirmação pessoal, bem visível, duma estética e de uma moral da presença. Já não se trata de se contentar com o corpo que se tem, mas de modificar os seus fundamentos para completá-lo ou torná-lo conforme a idéia que se faz dele. É preciso acrescentar-lhe a sua marca própria para tomar posse dele.

Hoje, a tatuagem (sinal visível gravado na própria pele graças à injeção de uma matéria colorida na derme), e o piercing (furo na pele para aí colocar um objeto, um anel, uma pequena barra, etc.) são uma forma significativa dessa

mudança de relação com o corpo. Em alguns anos, foram lançados por terra os antigos valores que lhes estavam associados. Nos dias atuais, investe-se no corpo como lugar de prazer do qual é preciso afirmar que é seu realçando-o. O que se pretende é aumentar o seu valor, mostrar o sinal de sua diferença.

O estereótipo do homem tatuado como homem jovem, forte, proveniente de meio popular (operário, marinheiro, caminhoneiro, militar, vagabundo etc.), mostrando uma virilidade agressiva, esfumou-se nesses últimos anos.

Num período igualmente breve, o piercing impôs-se como um acessório estético tanto para os homens como para as mulheres (BRETON, 1999, p.10).

O sinal tegumentar é uma maneira de escrever na carne os momentos chave da existência. O corpo torna-se simultaneamente arquivo de si e decoração. Significa também demonstração de um estilo de presença.

A marca corporal e o objeto de piercing são um modo de filiação a uma comunidade flutuante que nutre uma cumplicidade relativa com aqueles que os trazem igualmente. Mudando o seu corpo julgam mudar a sua existência, conseguindo muitas vezes dos outros um olhar diferente sobre si. Tanto mais que a marca corporal é muitas vezes um meio de ganhar autonomia, uma maneira simbólica de tomar posse de si. O corpo legado pelos pais é para ser modificado. O jovem quer afirmar a sua diferença e ser reconhecido a despeito de tudo, deseja fazer pele nova.

As marcas corporais implicam igualmente uma vontade de atrair o olhar, de sair do anonimato, muitas vezes uma vontade de apagar um sofrimento pessoal. Se as tatuagens das sociedades tradicionais repetem formas ancestrais gravadas numa filiação, as marcas contemporâneas, pelo contrário, têm em primeiro lugar um

objetivo de individualização e estético. Procura-se fazer dele não já o sinal da exclusão, mas o da inclusão, que ele não seja o interruptor que discrimina o indivíduo, o separa, mas o elo que o une aos outros ou, então, afronta-se como o lugar da dor, do mal-estar de ser ele próprio.

O corpo, hoje, é o lugar de revelação de uma identidade provisória ou duradouramente escolhida (BRETON, 1999). As marcas corporais são rituais íntimos de fabricação do sentido de uma maneira menos brutal que as condutas de risco, mas resultam da mesma necessidade interior de dar sentido e relevo à sua existência. As paixões coletivas pelas marcas corporais ultrapassam hoje largamente o círculo da juventude, afetando todas as faixas etárias. O valor pessoal confere-se menos pelas obras do que por aquilo que se publicita de si (BRETON, 2004, p.23) .

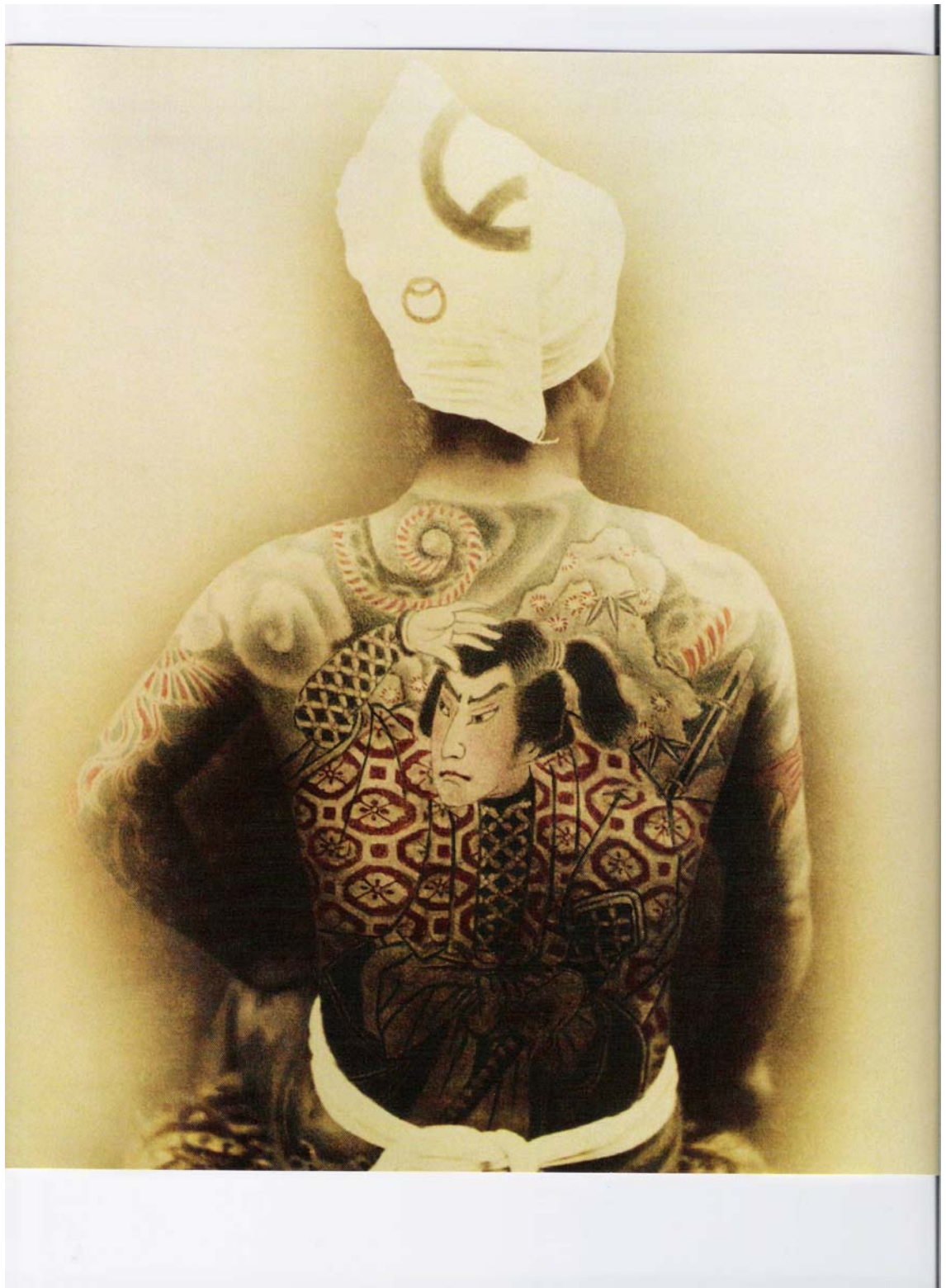


Foto retirada do livro *Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo* (ARAÚJO, 2005)

1.5 As Marcas Corporais e sua Significação Religiosa

Algumas religiões pregam que a tatuagem ou as outras marcas corporais são proscritas. Essa proibição alimenta o estatuto negativo dessas marcas, e, ao contrário, a predileção desse recurso por indivíduos desenquadrados e que desejam, por uma razão ou por outra, afirmar a sua marginalidade e a sua indiferença em relação aos julgamentos dos outros.

A Bíblia afirma claramente a sua recusa a qualquer intervenção visível e duradoura no corpo humano (BRETON, 2004, p.26). Tatuarse, para Deus, é eventualmente lícito conquanto não haja qualquer conotação pagã nesse recurso.

Como exemplo, cito o caso dos Cruzados, que se marcam com uma cruz para serem identificados no caso de morrerem e poderem assim beneficiar-se de uma sepultura cristã.

O respeito à integridade do corpo é uma maneira de submissão aos desígnios de Deus, significando também fidelidade a uma criação a que não há nada a se acrescentar ou retirar.

A doutrina espírita (MACHADO, 1999, p.73) prega que as tatuagens ferem o perispírito, que é a veste do espírito. O corpo de carne é a veste do perispírito, quando o homem está encarnado. Ao agredimos o corpo físico, o perispírito é agredido. Com isso, segundo a mesma doutrina, principalmente as pessoas que fizeram as tatuagens com a finalidade de chocar a sociedade, quando desencarnam, vão para um lugar de expiação, de sofrimento, uma espécie de umbral, chamado “Vale dos Tatuados”.

1.6 O Momento da Decisão

Para as jovens gerações de hoje as antigas tatuagens, feitas apressadamente, em qualquer lugar, cederam espaço para decisões amadurecidas de se fazer ornamentar por um profissional (BRETON, 2004, p.93).

A apreensão de um conflito com os pais, o olhar de preconceito do outro, o medo de ser discriminado em uma entrevista de emprego, em uma prova, fazem com que os jovens atualmente pensem mais antes de se decidirem quanto a uma tatuagem.

Há, ainda, o receio da dor, embora haja um conceito antigo de que o ato de tatuar-se simboliza coragem, virilidade. A tatuagem é dolorosa uma vez que a lei proíbe aos tatuadores ou aos piercers o uso de analgésicos para além dos superficiais e porque o traçado da marca implica um estrago na carne. (BRETON, 2004, p.111)

Também há o medo de uma infecção, da transmissão de doenças, como a hepatite e outras, hoje mais raras, tendo em vista que hoje os procedimentos são feitos, em sua maioria, com maiores cuidados com a desinfecção das agulhas, com a assepsia em geral.

A dor implica sofrimento e está conectada à idéia de que para ser belo é necessário sofrer, seja em uma cirurgia, em um tratamento de beleza, etc. A dor é uma troca paradoxal entre o cliente e o tatuador, vez que é uma dor consentida por um e infligida pelo outro.

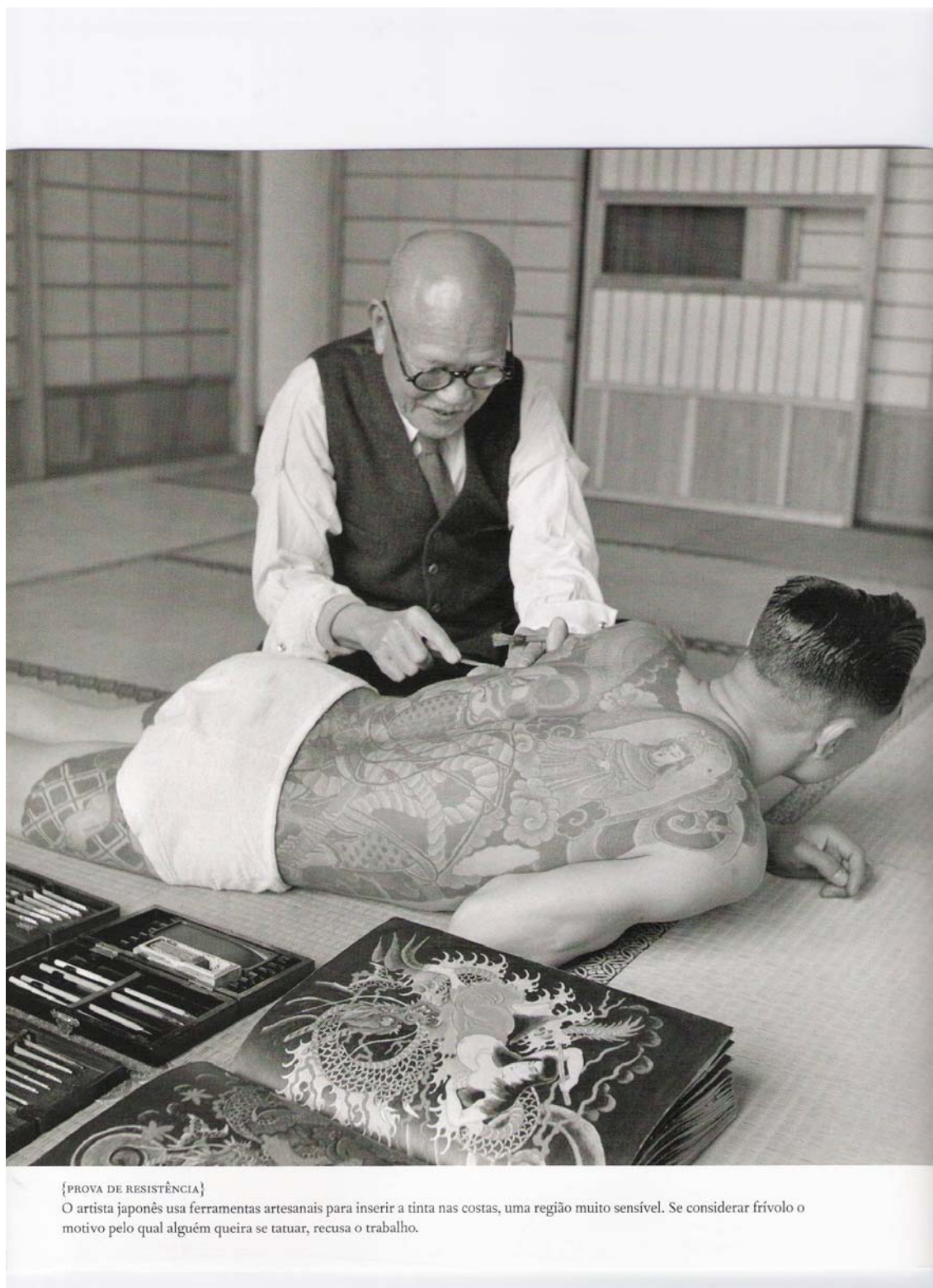


Foto extraída do livro **Tatuagem, piercings e outras mensagens do corpo** (ARAÚJO, 2005)

1.7 A Escolha do Desenho ou do Objeto

As tatuagens de escritos, se ainda existem, já desapareceram praticamente, porque são consideradas formas pueris de manifestação, quando, na verdade, uma das maiores motivações das marcas corporais é justamente romper o laço de dependência com os pais para mostrar a estrita pertença a si.

Tatuagens ou piercings são histórias de si através da pele (BRETON, 2004, p.122). A escolha de um motivo corresponde muitas vezes a uma paixão por um desenho, não necessariamente tem simbolismo, é muito mais uma escolha estética.

As tatuagens dedicatórias encarnam uma afirmação de amor e de fidelidade, uma vontade de eternizar o instante através de um ato irreversível, o que causa muitas vezes o arrependimento quando do término do relacionamento.

As tatuagens tribais dominam largamente as outras nos dias de hoje, sem que se saiba quase sempre seu significado.

1.8 As Marcas Corporais como Ritos de Passagem

Há, ainda nos dias de hoje, numerosas sociedades humanas em que as marcas corporais estão associadas a ritos de passagem ou então ligadas a significados precisos no seio da comunidade. Nesse sentido, a tatuagem tem um valor de identificação, mostra a pertença de um sujeito a um sistema social, a um grupo.

Em certas sociedades, a leitura da tatuagem informa sobre a inscrição do homem numa linhagem, num clã, num grupo etário, indica um estatuto e firma a aliança, elas legitimam a presença no mundo dos membros da sociedade. Não ser marcado é não ter identidade (BRETON, 2004, p.173).

O dia de furar, pintar ou tatuar o corpo marca os momentos importantes da vida: o nascimento, a adolescência, a festa, a guerra e o luto (ARAÚJO, 2005, p. 21).

Ao nascer, as crianças Kayapó têm suas orelhas furadas e enfeitadas com todos vermelhos de madeira. Quando crescem, curiosamente, o grande furo da orelha fica vazio.

Já os Suyá enfiam, nas orelhas e nos lábios, discos de madeira que aumentam com a idade, até ficarem do tamanho de um pires. Por isso, os europeus apelidaram esses discos de *botoque* – o mesmo que tampa de tonel. Assim, todos os índios que espichavam os lábios e as orelhas passaram a ser conhecidos como *botocudos*.

Faz parte do ritual de passagem da infância para a adolescência de um Karajá tatuar o rosto com dois círculos – *omaruma* – feitos da mistura da tinta do jenipapo com a fuligem do carvão. O processo é doloroso, pois o instrumento para picar a pele é um dente de peixe-cachorro.

No dia do casamento, as mulheres indianas, nepalesas e de outras regiões da Ásia se enfeitam com tatuagem de henna, tinta extraída da flor de uma árvore que floresce três vezes por ano. A *hannaya* – como é chamada a aplicadora de henna – faz desenhos nas mãos e nos pés da noiva, que parecem estar cobertos

por um tecido de renda. Os desenhos podem esconder as iniciais do nome do marido. Essa tatuagem sai da pele em duas ou três semanas.

Um corpo pintado também serve para meter medo no inimigo. E, dependendo da cor, pode até deixar o guerreiro invisível na floresta, como acreditavam os índios Bororo ao cobrir o corpo com tinta preta.

Atualmente, torcedores e jogadores de futebol usam tinta no rosto para chamar a atenção dos adversários.

Nativos havaianos tatuam a língua em sinal de luto. É uma maneira de impor um silêncio temporário, até que a ferida se cure. A marca da perda, no entanto, fica para sempre (ARAÚJO, 2005, p.22)

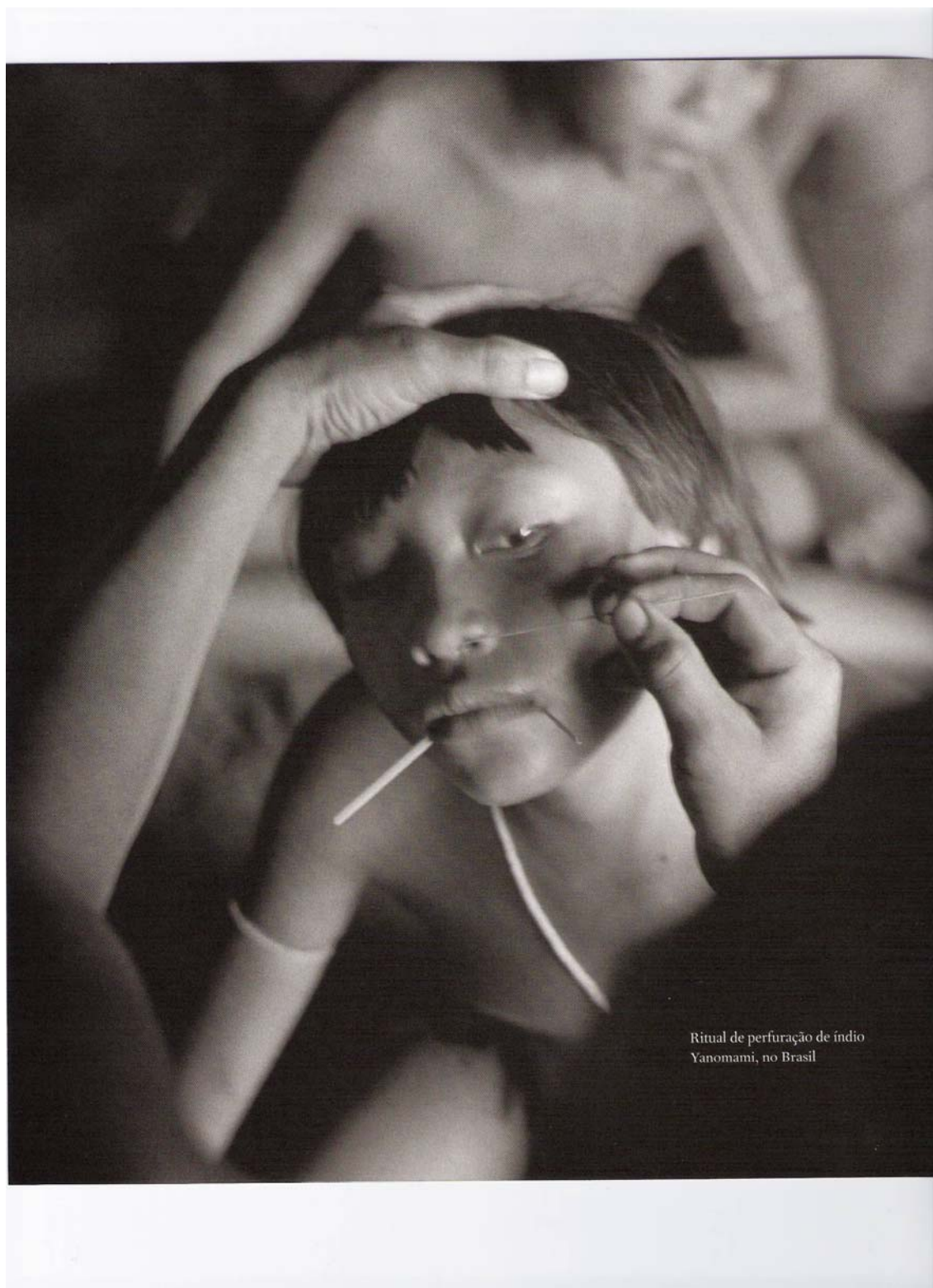


Foto extraída do livro *Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo* (ARAÚJO, 2005)

1.9 A Significação Emocional e Social das Marcas Corporais

O sinal tegumentar é uma maneira de escrever metaforicamente na carne os momentos-chave da existência: uma relação amorosa, um casamento, um aniversário, etc.

O indivíduo inicia por vezes um processo de modificação corporal para escapar a uma crise pessoal, a um sofrimento. Prescreve a si próprio, sem o saber, a um ritual íntimo que lhe permite sair de uma zona de turbulência.

A dor sentida quando da prova funciona como uma homeopatia do sofrimento que impregna a sua existência e a marca corporal é uma maneira concreta de virar a página. Sabe, a partir daí, o que os outros podem esperar dele e o que ele pode esperar dos outros.

A tatuagem o valoriza, atraindo os olhares, a atenção sobre si. Provoca o encontro, induz as mudanças. Além disso, tem a vantagem de separar o joio do trigo. A declaração é unânime em relação ao olhar de desprezo dos outros, daqueles que se voltam na rua dissimulando mal a sua aversão ou a sua reprovação, patrões que não compreendem e os despedem, professores que olham com um ar irônico e pais que se opõem a tal decisão.

O corpo torna-se um arquivo de si. A tatuagem e o piercing não criam a pertença a uma tribo, a um grupo fechado, a não ser em casos de estigmas ou de ritos de passagem, mas proporcionam, sobretudo, o sentimento de não estarem afastados uns dos outros, de estarem ligados a uma comunidade informal.

As marcas corporais funcionam à maneira de um manifesto, provocando o afastamento ou a filiação entusiasta. O sinal corporal é, pois, uma faca de dois

gumes, é perfeitamente reconhecido como tal. O indivíduo esforça-se por reduzir a ambivalência social a seu respeito escondendo as suas marcas ou mostrando-as segundo o que o seu público presumivelmente espera. Se as deixa em evidência está, a todo instante, a ser definido sob esse ângulo e o seu estatuto encontra-se por isso permanentemente afetado.

A tatuagem ou o piercing atraem necessariamente o espelho do outro. É ingênuo pensar ou dizer que eles são apenas feitos para si, pois fabricam uma estética da presença. A pele torna-se uma tela e exige espectadores.

Os piercings levam muitas vezes a uma modificação das rotinas pessoais. Não só a imagem do corpo entra numa lenta mutação, mas também os hábitos cotidianos. As técnicas do corpo outrora familiares são submetidas a uma nova aprendizagem no que toca ao elementar da existência, como fazer amor, alimentar-se, dormir, lavar-se, vestir-se, vez que os objetos colocados podem dificultar hábitos antigos, sendo necessário fazer uma reeducação dos mesmos.

A maioria dos tatuados é consciente sobre a permanência definitiva da marca, mas muitos se arrependem posteriormente, quando a motivação inicial passou, quando aqueles desenhos não fazem mais parte da sua vida, quando acreditam que a tatuagem presta-lhes um desserviço nas suas vidas atuais, em seus novos papéis de pais, de profissionais, etc. A tatuagem é, então, vivida como um estigma e pensa-se em retirar a mesma.

Há, hoje, diversas técnicas de se retirar uma tatuagem, mas a mais corrente é através da utilização do laser, o único realmente eficaz, que destrói a derme, mas é um processo extremamente caro e dolorido.

Por fim, as sociedades tradicionais desaparecem nos dias de hoje, despedaçadas pelas investidas da técnica e da mundialização, depois de já se terem submetido a antigas colonizações. A reprodução social e cultural é ferida pela violência das condições econômicas que se lhes impõem. Os antigos rituais de passagem começam a cair em desuso, a transmissão dos hábitos à jovem geração deixa muitas vezes de fazer sentido. Paradoxo trágico, as modificações corporais hoje são hábitos mundializados no interior das sociedades que outrora contribuíram para destruí-las, a dimensão estética apagando o seu valor simbólico. Destacando-se dos seus anteriores significados, apreendem outros, em ligação com o mundo contemporâneo. O sincretismo cultural e a flutuação geral dos sinais permitem gravar na pele numerosos estilos sem preocupação de rigor uma vez que apenas importa a beleza da ornamentação, não o seu rigor cultural ou uma busca de eficácia simbólica. O entusiasmo ocidental pelas marcas tribais acompanha a regressão, até mesmo a extinção, das marcas nas suas sociedades de origem, as culturas que lhes dão sentido caem no esquecimento ou já só existem nas páginas das obras de etnologia ou de antropologia (BRETON, 2004, p. 249).

2. CONSTRUÇÃO E DESCONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA

As bases ideológicas que situam a mulher como inferior e submissa vêm de muito longe, desde os mitos da criação, tendo lugar o mito de Eva vigente na Igreja Cristã.

Na mitologia grega, o mito de Pandora, responsável por espalhar todos os males do mundo, também apresentava uma identidade negativa para a mulher.

Tais identificações negativas relativas à mulher não se limitaram aos mitos da criação, já que os grandes pensadores fizeram questão de situá-las num plano bem inferior.

Platão, por exemplo, sugere que a mulher seria a reencarnação da alma de um homem que, em vida anterior, teria sido dissoluto e que agora recebia o castigo;

Aristóteles afirmou que as mulheres e os escravos devem viver para servir a uns poucos privilegiados, além de situar que na relação homem – mulher o homem é o beneficiador e a mulher, a beneficiada.

Apesar de novas identidades e papéis que se formam/transformam na construção constante de cada sujeito em suas relações com o outro e com o mundo, tal fato não se dá na sua individualidade de ser único. O processo de construção da identidade individual tem necessidade do “outro”, definindo-se na prática, no cotidiano vivido. Cada um é, ao mesmo tempo, universal e singular, pertence ao mundo e a sua “tribo”, com seus ritos, regras e controles. É exatamente a tribo que,

ao controlar, numerar, etiquetar em documentos oficiais, confere e legitima a identidade.

Hoje, os meios de comunicação apresentam modos de pensar e de se comportar que buscam preservar modelos estereotipados e criar novos desejos que regulam uma forma de vida tecnologicamente programada, usando imagens que projetam papéis, sem preocupação de serem apropriados ou não à realidade brasileira e que se relacionam apenas à tradição do grupo hegemônico.

A linguagem é o mediador desse processo, seja ela falada, escrita, gestual ou de qualquer natureza. Nossos discursos tendem a ser organizados como um tecido em que a nossa própria voz se somam outras. Dessa forma, por meios explícitos ou implícitos, falas, palavras e idéias de outros indivíduos entram no texto através da voz daquele que o escreve ou diz. Boa parte do que dizemos ou escrevemos é repetição de outros ditos ou escritos. Não há discurso constitutivamente monológico, na medida em que reconhecemos que toda palavra é dialógica, que todo discurso tem dentro dele outros discursos, que tudo que é dito é um “já-dito”.

Expressamo-nos sempre segundo este perfil – que inclui não só o que sabemos, mas também as formas de linguagem que materializam nosso conhecimento – e essa identidade é variável segundo os muitos papéis que desempenhamos na vida. Assim, por meio da enunciação, revela-se a personalidade do enunciador. (MAINGUENAU).

Vários teóricos das ciências sociais, como Foucault e Fairclough, argumentam que “o discurso é socialmente constitutivo” (FAIRCLOUGH, 1992). O discurso não apenas reflete e representa a sociedade, como também a significa, constrói e constitui. Um dos efeitos construtivos do discurso pode ser visto na

criação e modificação de identidades sociais. Eis a razão por que os processos discursivos têm importância central como instrumento de reflexão, interpretação e compreensão da vida social como também de construção das identidades sociais.

Somos seres sociais não somente por sermos determinados pelas circunstâncias sociais de nossas vidas, mas porque nossas capacidades de agir e pensar são em si mesmas socialmente constituídas (MOITA LOPES, 2003).

Os discursos não somente representam a vida social, mas também a constituem. Dito de outro modo, quando se envolvem na construção de significado, as pessoas estão agindo no mundo por meio do discurso em relação a seus interlocutores e, assim, se constroem e constroem os outros. Desse modo, o discurso pode ser entendido também por sua força constitutiva e, portanto, como ação. Daí por que é entendido como luta de poder.

2.1 O Papel Socioeconômico da Mulher na Pós-Modernidade

O trabalho é uma forma de o gênero feminino resistir aos ataques masculinos à sua identidade, pois o prestígio, sem dúvida, está com quem detém a hegemonia econômica. Afirmam Gibson e Graham (1996, p.28) “que o capitalismo é uma arquitetura ou estrutura de poder que é conferida pela propriedade e pelo controle diretivo ou financeiro”. Assim, à mulher que não trabalha está destinado o papel de mantida e, por tal razão, a subjugação ao poder do marido (VIEIRA, 2005, p.235).

O fato de as mulheres trabalharem em igual número de horas que os homens e com as mesmas funções não significa necessariamente a sua libertação;

isso pode ser uma dupla escravatura, pois, ao mesmo tempo, trabalham em sua profissão e no lar, duplicando sensivelmente a sua jornada de trabalho.

O perfil das famílias brasileiras adquiriu um novo formato, pois cada vez mais mulheres estão exercendo o papel de chefes de família, o que as leva a assumir o papel de provedoras e administradoras de seus lares.

Ao lado disso, existe um mercado competitivo e exigente com a mulher, pois tem internalizado o domínio masculino, o que leva a mulher a necessitar desempenhar as suas funções com desenvoltura e ainda provar que pode fazer, no mínimo, tão bem quanto o homem, para não dizer melhor. Não obstante, está comprovado que em regra geral os salários são menores para as mulheres em funções semelhantes às ocupadas pelos homens. (VIEIRA, 2005).

Diante de tantas exigências sociais feitas à mulher, da sua inclusão no mercado de trabalho, da influência da mídia e de um sem-número de fatores da pós-modernidade, a mulher se vê fortemente pressionada para se enquadrar em um modelo estipulado como socialmente correto e aceitável de beleza, de estética, de regras sociais de inclusão no grupo a que pertence ou quer pertencer e se torna, como sujeito, passível de fragmentação e dispersão, passando a sua subjetividade a ser reduzida a valor instrumental.

A identidade da mulher não é unitária, mas resulta de diferenças com os outros sujeitos presentes, em um contínuo processo de reflexividade, de desconstrução/reconstrução e tomada de consciência dos seus pensamentos, sentimentos e sensações corporais, assenhorando-se do seu papel de pessoa, fazendo suas escolhas, incorporando valores e experiências e trilhando caminhos na busca pelo autoconhecimento que a conduzam à formação do seu eu.

2.2 A Identidade da Mulher nos Relacionamentos Amorosos

Somente na última geração que, para as mulheres, viver suas próprias vidas significou deixar a casa paterna. Anteriormente, deixar a casa significava para todas, com exceção de uma pequena proporção de mulheres, casar-se (GIDDENS, 1992, p. 63).

Ao contrário da maioria dos homens, a maior parte das mulheres continua a identificar a sua inserção no mundo externo com o estabelecimento de ligações.

Estudos demonstram que mesmo quando um indivíduo ainda está sozinho e apenas prevendo relacionamentos futuros, os homens em geral, falam em termos do “eu”, enquanto as narrativas femininas sobre si mesmas tendem a ser expressas em termos de “nós”. A fala individualizada aparente na citação acima é qualificada por um “nós” sub-reptício – alguém que vai ser amado e cuidado e transformará o “eu” em “nós”.

Em contraste com aquelas que hoje fazem parte de uma faixa etária mais jovem, a experiência das mulheres mais velhas foi quase sempre estruturada em termos de casamento, mesmo que não tenham se casado (GIDDENS, 1992, p.64). Mas, na maior parte dos casos, o ato de autonomia com a saída da casa dos pais e o casamento também presumia dependência material, uma vez que elas não possuíam trabalho remunerado.

Cito o caso de uma mulher que casou, abandonou os estudos e a possibilidade de uma carreira para acompanhar o marido nas mudanças de cidade que o trabalho dele exigia. Certo dia, essa mulher, já com dois filhos, viu-se perdida quando o marido pediu a separação. Essa mulher, dependente economicamente e

emocionalmente do marido, perdeu, de uma só vez, o sustento financeiro e emocional que possuía, tendo de recomeçar, com dois filhos, os estudos visando obter um emprego que lhe desse o sustento necessário.

Vejamos o caso de uma mulher que se casou, exercia o magistério, teve um filho e levava uma vida normal até que o marido faleceu. A partir daí, ela perdeu a percepção sobre seu “eu” adulto, pois, além da perda física do marido, ela perdeu a ligação sobre a qual baseou seus sentimentos de segurança e realização. Sentiu-se lançada de volta à adolescência, embora tivesse uma criança para cuidar.



Reprodução cedida por Márcia Filippi, autora da obra

2.3 A Co-Dependência nos Relacionamentos Amorosos

Mulheres que apresentam co-dependência geralmente são protetoras, buscam cuidar dos outros.

A co-dependência está muito freqüentemente ligada não a um relacionamento específico, mas a um tipo de personalidade (GIDDENS, 1992, p.100).

A co-dependente busca a aprovação de praticamente todos com quem ela entra em contato. Ela vive a vida em torno das necessidades do outro. Não sente autoconfiança sem estar dedicada às necessidades do outro.

Um relacionamento co-dependente é aquele em que o indivíduo está ligado psicologicamente a um parceiro cujas atividades são dirigidas por algum tipo de compulsividade.

As mulheres co-dependentes estão acostumadas a encontrar a sua identidade através das ações ou das necessidades dos outros, mas em qualquer relacionamento viciado o “eu” tende a fundir-se com o outro, porque o vício é sua fonte primária de segurança.

O que se deve buscar é a capacidade de o co-dependente desenvolver o cuidado do outro sem carregar nos ombros o peso do seu vício, sem que isso seja considerado egoísmo ou narcisismo. É um pré-requisito para o reconhecimento de um ser independente, o que oferece a oportunidade de libertação de um envolvimento obsessivo, doente ou quase morto.

A delimitação dos limites é fundamental para um relacionamento não viciado. Os limites estabelecem o que pertence a quem, psicologicamente falando, e, por isso, neutralizam os efeitos da identificação projetiva. Intimidade não significa ser absorvido pelo outro.

Indivíduos co-dependentes, quando tratados terapeuticamente, são aconselhados a tratar a criança que têm dentro de si, onde reaparecem as relações

entre os pais e eles, quando crianças, relações essas que, certamente, influenciam nos relacionamentos atuais, adultos.

Segundo Freud, as mulheres fazem um investimento narcisista em seus corpos o que não é próprio dos homens. Ela só se enxerga no reflexo do desejo masculino, deixando de se centrar no próprio órgão de prazer. Por isso, para Freud, a necessidade da mulher não está orientada para amar, mas mais para ser amada. As mulheres não necessitam apenas ser admiradas, mas que lhes seja dito que elas são apreciadas e valorizadas. Desnecessário dizer que os homens estão mal equipados, em sua maioria, para preencher essa exigência.

Provavelmente, essa necessidade que grande parte das mulheres apresenta nos dias atuais, de aceitação e vinculação ao outro, advém do pragmatismo existente de que a mulher depende do homem para ser um indivíduo completo, como se ela mesma não fosse uma pessoa, como se ela não tivesse uma identidade própria, dissociada de qualquer outro indivíduo, como se todas fossem co-dependentes em suas relações amorosas.

2.4 Perdas e Ganhos

A vida é feita de perdas. Ao nascermos, ganhamos vida fora do útero, mas perdemos o aconchego do mesmo. (VIORST, 1988, p.19). Cada nova etapa de nossa vida encerra uma anterior, significando uma nova perda. Mesmo onde há ganhos há também perdas, como, por exemplo, ao sairmos da infância e irmos para a adolescência. Há perdas das quais não podemos fugir, perdas onde a morte ou a

separação é iminente. Tais perdas criam uma ferida emocional, uma agressão ao organismo, uma desorientação momentânea.

As perdas trazem dor, depressão e tristeza, sensação de desamparo, medo, vazio, desespero, pessimismo, impaciência, etc. Ao sofrermos uma perda, passamos por diversos estágios, sendo o primeiro caracterizado pelo choque, pela negação, pelo atordoamento, passando depois pela raiva, pelo medo e pela depressão, e, por fim, quando já estaremos provavelmente nos recuperando, pela compreensão, pela aceitação e pela mudança. A chave do processo todo está em se conseguir passar da perda para o ganho, mas isso leva tempo, consome energia e disposição.



Reprodução cedida pela autora da obra, Márcia Filippi

2.4.1 Novos Papéis, Novas Identidades Sociais

Nas relações familiares, as mudanças identitárias têm sido estimuladas pela troca, redução ou expansão de papéis. A família tradicional (com pais, irmãos, avós, tios e primos) tende a alterar cada vez mais os seus contornos e muitas dessas famílias só existem em antigos retratos.

Na sociedade da separação e do divórcio, a família nuclear gera uma diversidade de novos laços de parentesco associado, por exemplo, às famílias recombinadas. Isso ocorre quando cada cônjuge leva para a nova união os filhos que teve em relacionamentos anteriores, podendo, ainda, ter novos filhos, todos morando sob o mesmo teto. Entretanto, a natureza desses laços modifica-se à medida que estão sujeitos a uma negociação maior que a anterior, pois novos papéis se impõem na junção de famílias anteriormente constituídas.

As relações de parentesco costumavam ser uma base de confiança tacitamente aceita. Hoje, a confiança tem de ser negociada e barganhada, gerando o compromisso negociado. Em consequência, as novas relações parentais estão redesenhando uma nova identidade para a mulher e também para os membros das novas famílias.

2.4.2 O Divórcio e o Luto

Há um forte impacto quando da ruptura do casamento, o que representa perigo para a segurança e o bem-estar, mas também o surgimento de novas oportunidades de desenvolvimento e felicidade futuros.

O divórcio provoca mais raiva que a morte, mas o sofrimento, a saudade e a falta podem ter a mesma intensidade (VIORST, 1988, p.265). A negação e o

desespero são enormes, assim como o sentimento de culpa e a autocensura, o abandono. O divórcio, tal como a viuvez, pode roubar ao que foi “abandonado” a sensação da própria individualidade. O preço físico e emocional do divórcio pode ser maior do que aquele imposto pela morte de um dos cônjuges.

Quando um relacionamento termina, uma imagem do outro, hábitos associados ao outro e a expectativa de que possa ocorrer uma reconciliação persistem posteriormente por muitos anos, não apenas para a pessoa abandonada, mas até mesmo para quem tomou a iniciativa da separação.

Alguns, não sendo mais a metade de um todo num casamento encontrarão talentos e forças que haviam delegado ao companheiro, nascendo para uma nova vida, mas é necessário, antes, viver o período de luto da separação, que pode ser até mais demorado do que um luto ocasionado por morte, pois o problema do divórcio é que ambos estão vivos, embora o casamento não exista mais e isso faça com que a pessoa lamente a perda de alguém que não morreu, mas que não está mais com ela.

O luto é a condição do desprendimento de hábitos que, de contrário, transformam-se em traços viciados no presente. Em geral, só se consegue ficar conformado com o rompimento quando já se conviveu substancialmente com a dor e com a culpa. Não é desproposital comparar-se o esforço de desprendimento nos relacionamentos adultos terminados com o esforço de se libertar um adulto de um envolvimento compulsivo com traumas infantis. Nos dois casos, há uma reescrita da narrativa do “eu”.

É necessário o “luto” pelas perdas vivenciadas, tanto a perda dos prazeres e experiências compartilhados como o abandono das esperanças investidas na relação (GIDDENS, 2002, p.17). Choramos a perda de outras pessoas,

mas vamos chorar também a perda de nós mesmos, das antigas definições das quais nossa imagem dependia. Os fatos de nossa história pessoal nos definem e redefinem sempre. Em vários momentos de nossas vidas teremos de abandonar a nossa auto-imagem antiga e seguir em frente (VIORST, 1988, p.271).

Somente através do “luto” pode-se retomar o controle de si próprio, reencontrar a identidade por vezes fundida ou mesmo perdida parcialmente. Quem consegue descolar do parceiro enfrenta a tarefa de estabelecer um novo sentido do “eu”, um novo sentido de identidade (GIDDENS, 2002, p.18).

Se a separação ocorrer na meia idade, a dificuldade de superação será ainda maior, principalmente entre as mulheres, que deverão estar passando por uma fase de transição hormonal, de perda de viço, de perda de juventude, trazendo muitas vezes a sensação de que ela não terá mais condições de atrair um novo parceiro.

2.4.3 Escolhas

Ser adulto é aceitar a responsabilidade de nossas vidas. Como adultos saudáveis, podemos abandonar e ser abandonados. Podemos com segurança sobreviver sozinhos, mas somos também capazes de compromisso e de intimidades, de unir e separar, sentimos que somos “únicos”. E, ao invés de ver o “eu” como a vítima passiva do mundo interior e exterior, manejadas e desamparadas e fracas, reconhecemos o “eu” como responsável e força determinativa de nossas vidas. Como adultos saudáveis, podemos procurar e gozar nossos prazeres, mas também podemos enxergar e viver as nossas dores, perdoarmo-nos pelos nossos erros e culpas (VIORST, 1988, p.172).

Tomar conta de nossas próprias vidas envolve risco, porque significa enfrentar a diversidade de possibilidades abertas. O indivíduo deve estar preparado para fazer uma ruptura mais ou menos completa com o passado, se necessário, e deve contemplar novos cursos de ação que não podem ser guiados simplesmente por hábitos estabelecidos. A segurança alcançada pela estrita obediência aos padrões é efêmera e em algum ponto se romperá. Ela trai um medo do futuro em vez de fornecer os meios de dominá-lo (GIDDENS, 2002, p.72). O indivíduo deve enfrentar novos riscos decorrentes da ruptura com os padrões estabelecidos de comportamento – inclusive o risco de que as coisas possam ficar piores do que estavam.

Pessoas que temem o futuro tentam “segurar” a si mesmas com dinheiro, propriedades, seguros de saúde, relações pessoais, contratos de casamento. Os pais tentam colar seus filhos a si, algumas crianças temerosas relutam em abandonar o ninho familiar. Maridos e mulheres tentam garantir a continuação da vida e serviços do outro.

A dura verdade psicológica é que não há permanência nas relações humanas mais do que no mercado de ações, no clima, na segurança nacional e assim por diante. Esse apego à segurança pode ser muito desencorajador para as relações interpessoais e impedirá o autocrescimento. Quanto mais cada um de nós puder aprender a estar verdadeiramente no presente com os outros, sem fazer regras ou erigir barreiras para o futuro, tanto mais fortes seremos e tanto mais próximos e felizes em nossas relações (GIDDENS, 2002, p.73).

Existem em nossas vidas períodos de estabilidade, onde montamos uma estrutura de vida, fazemos escolhas essenciais, procurando atingir certos objetivos,

e há os períodos de transição, em que questionamos as premissas dessa estrutura, explorando novas possibilidades.

A tarefa da transição no desenvolvimento consiste em pôr fim a um tempo na vida, aceitar as perdas que esse término implica, rever e avaliar novamente o passado, resolver quais escolhas devem ser mantidas, quais devem ser rejeitadas e considerar os desejos e as possibilidades para o futuro. O indivíduo está entre o passado e o futuro, lutando para transpor a distância que os separa (VIORST, 1988, p.272).

2.4.4 Considerações Finais

Os temas abordados, “O corpo inacabado” e “Construção e reconstrução da identidade feminina”, fazem com que tracemos um paralelo entre eles e o conceito de identidade social.

A palavra identidade é de origem grega (idem=mesmo) e, no conceito tradicional, é um todo estável e homogêneo. Esse conceito é oriundo da concepção que se tinha do indivíduo na época medieval, em que o papel da pessoa era institucionalizado, ela era passiva, a individualidade não era prezada.

Com o surgimento das sociedades modernas, mais precisamente da divisão do trabalho, o indivíduo só, separado, foi considerado e as ciências humanas passaram a buscar explicações para esse ser híbrido e multiplamente constituído. Contudo, da mesma forma que a língua é dinâmica, em permanente formação, assim também o é a identidade, muito mais nos dias atuais, em que, diferentemente do passado, vivemos num mundo globalizado e plural.

Devido à diversidade de contatos que mantemos e à pluralidade dos ambientes em que vivemos, as identidades são multifacetadas, fragmentadas, dinâmicas, contraditórias e ambíguas, pois são construídas no(s) discurso(s), na interação com o mundo e com os outros (LOPES, 2002).

Por existir uma grande dinamicidade na interação humana, fala-se muito de perda ou busca de identidade de um povo, de um indivíduo, de um grupo social; fala-se em identidade individual, sexual, social, étnica, nacional, profissional, etc, e isso se deve à globalização, que pretende a centralização e a homogeneização de tudo e de todos, mas, como as identidades são socialmente construídas e em constante processo e fluxo, podemos “construir novos significados sobre quem somos nas práticas discursivas onde atuamos” (LOPES, 2002, p.124). Esse mundo plural, contudo, nos permite reagir e mudar nossas práticas discursivas. A exclusão social, os preconceitos, as diferenças somente serão superadas quando mobilizarmos nossa ação discursiva em direção à transformação. Toda e qualquer mudança, seja ela social ou cultural, começa no discurso.

Oportunamente, Fairclough, 2002, afirma:

Os sujeitos sociais são formados por práticas discursivas. Contudo, são capazes de remodelarem e reestruturarem essas práticas. Os significados que construímos sobre o mundo e as pessoas são ideológicos no sentido de que incorporam visões particulares do mundo e contribuem para a produção, reprodução e transformação das relações de dominação.

Torna-se necessário, então, remoldar nossas práticas discursivas, pregar novas ideologias para combater a ideologia dominante com vistas à democratização substancial da sociedade. O primeiro passo a ser dado é a conscientização discursiva, e Giddens (2002, p.71) dá o suporte teórico quando afirma que “a

consciência cria a mudança potencial e pode de fato induzir a mudança por si mesma”.

Somos constituídos pelo meio social em que vivemos, não existimos fora dele e sem ele, somos formados nele e por ele. Ninguém nasce com a identidade formada, somos moldados para fazer parte daquela estrutura social e sermos aceitos por ela. Para isso, devemos adotar representações que são aceitas e compartilhadas por uma comunidade.

No processo de formação da identidade social, as disparidades são colocadas em segundo plano, enquanto as semelhanças são evidenciadas. Para que se sinta parte do grupo, o indivíduo tem que ter semelhanças com os demais membros.

Na verdade, não somos individuais, somos coletivos, há uma série de “eus” dentro de nós, somos várias pessoas ao mesmo tempo, que se manifestam em momentos diferentes, em situações diferentes, com pessoas diferentes, temos identidades fragmentadas, múltiplas e contraditórias. “Cada um de nós é membro de muitos discursos e cada discurso representa uma de nossas múltiplas identidades” (GEE, 1990, p.19).

Atualmente, temos uma visão sócio-construtivista do discurso, em que este constrói o mundo e as identidades sociais, sendo marcado por circunstâncias sociais e históricas específicas, bem como permeado por relações de poder, que se constituem em formas de produção de discursos socialmente legitimados como “regimes de verdade”.

Entretanto, essas relações não são fixas e estáticas, uma vez que esse poder pode ser contestado e resistido por meio de um contra-discurso ou discursos

alternativos, em que esses “regimes de verdade”, essas concepções podem ser reconstruídos. Normalmente, somos o que o discurso nos permite ser, acreditamos no que ele nos permite acreditar. O modo como nos posicionamos e somos posicionados no discurso é fundamental para a compreensão de quem somos no mundo social. Assim, as coletividades e as instituições promovem uma legitimação institucional, cultural e histórica de certas identidades sociais, tornando outras ilegítimas, inaceitáveis.

Segundo a perspectiva de Chouliaraki e Fairclough (1999, p.21), a vida social é feita de práticas. As práticas incluem um elemento reflexivo. As pessoas constantemente geram representações do que fazem. Por mais física que pareça a prática, sempre haverá um elemento reflexivo. Isso sugere que não haja nenhuma oposição simples entre prática e teoria, mas uma relação íntima e prática entre elas, porque as representações reflexivas do que as pessoas fazem são, de certo modo, teorias.

Porém, dois aspectos dessa reflexividade são importantes. Primeiro, a reflexividade é alcançada em luta social; segundo, todas as práticas têm um aspecto discursivo irreduzível, não só porque envolvem o uso da Língua, até certo ponto, mas também porque construções discursivas são partes das práticas. Por essa razão, as práticas podem depender dessas autoconstruções para sustentar relações de dominação e, quando as construções funcionam desse modo, são consideradas ideologias.

A análise da ideologia, de acordo com a concepção proposta por J. B. Thompson (1995), está interessada nas maneiras como as formas simbólicas se entrecruzam com relações de poder, está interessada no modo como o sentido é mobilizado no mundo social e serve, por isso, para reforçar pessoas e grupos que

ocupam posições de poder. “Estudar ideologia é estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação” (THOMPSON, 1995, p.76).

O discurso de construção de identidades se apresenta sob várias formas: oral, escrito, o discurso do não discurso, o discurso por meio de expressões faciais, gestuais, o discurso por meio da arte exposta em objetos, em pessoas, como no caso das tatuagens e dos piercings, etc. Em todas essas manifestações percebemos a fragmentação de nossa identidade, a interferência e a interação social.

Os processos discursivos, na chamada modernidade tardia (GIDDENS, 1991; CHOULIARIAKI e FAIRCLOUGH, 1999), passaram a ter importância central como instrumento de reflexão, interpretação e compreensão da vida social, bem como de construção das identidades sociais. “Os discursos não só refletem ou representam as entidades e relações sociais, eles as constroem ou as constituem” (FAIRCLOUGH, 1992, p.4).

Há que se observar os aspectos da alteridade e da situacionalidade no discurso. Todo e qualquer ato discursivo se dirige a alguém e toda prática discursiva é situada no mundo sócio-histórico e cultural em que ocorre.

As identidades mudam, não são prontas e fixas, situam-se no processo discursivo de sua construção. A questão da identidade está ligada à idéia de interesses e está investida de ideologia.

Nesse sentido, Fairclough (1997, p.296) critica a dominação e o poder de certas classes de sujeitos constituídos sobre outros e contribui com a concepção de que a construção do sujeito do discurso resulta de um processo ideológico, conceito defendido pela Análise Crítica do Discurso.

Assim, identidade e diferença são, para ele, dois lados da mesma moeda e representam atualmente os maiores dilemas da vida social.

CONCLUSÃO

Ao término deste trabalho podemos inferir que qualquer corpo contém a virtualidade de outros tantos corpos, ou seja, uma multidão de identidades possíveis que se podem vestir provisória ou duradouramente.

Hoje, a identidade pessoal nunca está acabada, remodela-se segundo as circunstâncias, e o indivíduo, se o desejar, experimentando em si, pode deliberadamente inventar outras formas, tornando-se, então, outras matrizes de produção de si.

Mudando o corpo procura mudar-se a vida. Tal como, aliás, mudar de vida leva a querer fazer pele nova. A modificação corporal é um limite simbólico desenhado na pele, fixa um objetivo na procura do significado e de identidade, é uma espécie de assinatura de si pela qual o indivíduo se afirma numa identidade escolhida.

Torna-se artífice de si, construtor de sua própria aparência física, inventor das formas que o revelam ao mundo. Inscreve-se, então, numa estrutura antropológica que faz justamente do corpo a condição do homem.

No que concerne à identidade social da mulher, podemos afirmar que a reflexão dela incorpora pelo menos dois aspectos fundamentais. Primeiro, o pertencimento a um grupo. Assim, a identidade seria apreendida através da representação que um indivíduo dá a si mesmo do seu pertencimento a um grupo. Segundo, a referência ao outro, noção contrastiva, constitutiva da percepção simultânea dos iguais e dos diferentes. Verifica-se que há na construção da

identidade da mulher a presença fundamental dos outros, e esses outros são os homens, os filhos, o pai, a família, o chefe, etc.

A identidade feminina é produto social e reflexo do olhar do outro. O que realmente conta é de que modo o outro a vê, não apenas a imagem que tem de si.

Assim, tanto em relação às marcas corporais quanto à construção e à desconstrução da identidade feminina, podemos afirmar que a identidade do indivíduo é construída socialmente e seu discurso é fruto da cultura que a construiu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Leusa: Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo. São Paulo, SP: Editora Cosac Naify, 2005;

BRETON, David Le. Sinais de Identidade: tatuagens, piercings e outras marcas corporais. Lisboa: Miosótis – Edição e Distribuição, Ltda., 2004.

CHOULIARAKI, Lilie e FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse in late modernity. Rethinking Critical Discourse analysis. Edinburgh, Edinburgh University Press. 1999.*

FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e Mudança Social; Izabel Magalhães, coordenadora da tradução, revisão técnica e prefácio. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

GIDDENS, Anthony. A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1992.

GIDDENS, Anthony. Modernidade e identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2002.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. Identidades Fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. São Paulo, Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MACHADO, Irene Pacheco. Mais além do meu olhar. Brasília, DF: Recanto. 3 ed. 2005;

ORLANDI, E.P. Análise de discurso. Princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes Editores. 3 ed. 2001.

THOMPSON, John B. Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.

VIEIRA, J.A. A Identidade da Mulher na Modernidade. Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada. Ed. EDUC São Paulo, 1985 (21: Especial, 2005).

VIORST, Judith. Perdas necessárias. São Paulo, SP: Melhoramentos, 1988.



